



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A filosofia como modo de vida: uma análise a partir dos diálogos *Alcibiades*, *Laques* e a *Carta VII* de Platão

Por: Daniel Salésio Vandresen¹
daniel.vandresen@fpr.edu.br

Resumo

O objetivo desse artigo é descrever a filosofia como um modo de vida que se realiza pelo exercício de si. A partir da perspectiva teórica foucaultiana, apresentamos uma leitura dos diálogos platônicos em que a filosofia aparece como prática existencial. Desse modo, inicialmente abordando os diálogos de *Alcibiades* e *Laques*, nos quais se desenvolvem dois modos diferentes de se fazer a história da filosofia no Ocidente. Em seguida, com a apresentação da *Carta VII* descrevemos a crítica ao conhecimento como transmissão e expomos o real da filosofia como o aprendizado do *coabitar* problemas como forma de estar atento a si mesmo. Por fim, pensamos o aprender em filosofia como uma permanente *inquietação* que nos move na incompletude do *desprender-se de si mesmo*.

Palavras-chave: Filosofia; Exercício de si; Modo de vida; Diálogos platônicos.

¹ É doutorando em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESPE – Marília, é Mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Toledo, é Especialista em História do Brasil pela Universidade Paranaense – UNIPAR, é Graduado e Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE. Possui Reconhecimento de saberes e competências de nível III, Doutorado (RSCIII) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR. É servidor público federal, docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBTT, de Filosofia, lotado junto ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR da cidade de Coronel Vivida-PR. É pesquisador, professor e Coordenador Financeiro e de Fomento do Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR., atuando na Linha de Pesquisa de Filosofia. Desenvolve o Projeto de Pesquisa sobre O ensino de Filosofia no Ensino Médio Técnico do IFPR: questionemos nossa experiência técnica e no Projeto de pesquisa sobre Filosofia, Ciência e Tecnologias. É membro do Corpo Editorial da “IΦ-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica” desde 2014. É autor de artigos científicos na mídia especializada nacional e internacional. É co-autor do livro “IΦ-SOPHIA UMUARAMA: filosofia, educação e autonomia” (2012), “Filosofia francesa contemporânea” (2015) e Filosofia contemporânea: Deleuze, Guattari e Foucault” (2013).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Resumo

La celo de ĉi tiu artikolo estas priskribi filozofion kiel vivmaniero, realigita per la ekzercado de mi mem. De la Foucaŭta teoria perspektivo ni prezentas legadon pri la platonaj dialogoj, en kiuj filozofio aperas kiel ekzistanta praktiko. Tiel, komence alproksimiĝanta al la dialogoj de Alcibiades kaj Laks, en kiuj disvolvas du malsamajn manierojn por fari la historion de la filozofio en la Okcidento. Tiam kun la prezento de Letero VII ni priskribas la kritikon de scio kiel transdono kaj ni elmontras la realan filozofion kiel lernado de vivantaj problemoj kiel rimarki sin mem. Finfine ni pensas pri lernado en filozofio kiel konstanta maltrankvilo, kiu movas nin en la nekompleteco deturni nin deni mem.

Ŝlosilvortoj: Filozofio; Ekzercado mem; Vivstilo; Platonaj dialogoj.

Abstract

The purpose of this article is to describe philosophy as a way of life that is realized by the exercise of self. From the foucaultian theoretical perspective, we present a reading of the platonic dialogues in which philosophy appears as an existential practice. Thus, initially approaching the dialogues of Alcibiades and Laches, in which are developed two different ways of making the history of the philosophy in the West. Then with the presentation of Letter VII we describe the critique of knowledge as transmission and we expose the real of philosophy as the learning of living problems as a way of being aware of itself. Finally, we think of learning in philosophy as a permanent restlessness that moves us in the incompleteness of detaching ourselves from ourselves.

Keywords: philosophy; exercise of self; lifestyle; platonic dialogues.

Introdução

O presente trabalho² apresenta, a partir da leitura foucaultiana dos diálogos platônicos, a filosofia como um exercício de si e modo de vida. Foucault ao analisar os diálogos (*Alcibíades* e *Laques*) e a *Carta VII*, descreve certa concepção da filosofia como prática existencial. Referencial

² Esse trabalho faz parte de minha pesquisa de doutorado, iniciada em 2015 com o título "Foucault e o ensino de filosofia no Ensino Médio Técnico" sob a orientação do prof. Dr. Rodrigo Peloso Gelamo e desenvolvida na Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Marília-SP.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

teórico que nos possibilita problematizar certo modo de transmissão da história da filosofia em que o ensino se dá de modo abstrato e em que a vida é colocada em segundo plano. Desse modo, nosso olhar para estes textos antigos tem unicamente por objetivo enfatizar o exercício filosófico existencial como a tarefa filosófica a ser praticada no ensino de filosofia.

É importante destacar que o objetivo de Foucault ao retomar a filosofia grega não é o de reapiocar os conceitos desenvolvidos naquela época, mas por meio deles pensar o deslocamento das relações de poder no presente. A perspectiva proposta por Foucault nos leva a refletir sobre outro modo de pensar e fazer filosofia, em que a história da filosofia é uma ferramenta indispensável no diagnóstico de “quem nós somos?”, isto porque, a problematização do presente depende de uma análise histórica de nós mesmos e, também, condição para que se produza a transformação de si. Assim, a partir de Foucault, a filosofia tem a tarefa de dar outro sentido para a história da filosofia, não o de descobrir uma verdade escondida, abstrata e eterna, prática que conduz ao ensino como transmissão, mas o de potencializar o diagnóstico dos processos de subjetivação em que estamos inseridos e das possibilidades de ultrapassagem deles.

Os textos *Alcíades* e *Laques*: dois modos de fazer filosofia

Em seu último curso intitulado *A Coragem da Verdade* (1983-1984), ao realizar a história da noção de *parresía* Foucault defende (2011, p. 111, p. 140 e p. 216) que houve duas práticas filosóficas no Ocidente que é oriunda da filosofia platônica e que é representada pelos diálogos de *Alcíades* e *Laques*. “Uma vai à metafísica da alma (o *Alcíades*), a outra a uma estilística da existência (o *Laques*)” (2011, p. 140).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Segundo Foucault (2004a) Platão no diálogo *Alcibíades*³ afirma que para ocuparmos de nós mesmos é preciso saber o que significa este “nós mesmos”. “Na fórmula *epimésthai heautou*, o que é o *heautou*? É preciso *gnônai heautou*, diz o texto” (2004, p. 66). E mais adiante afirma (2004, p. 84s) para que Alcibíades pudesse bem cuidar e governar os outros precisava primeiro governar a si mesmo, por isso, tornava-se necessário superar a deficiência em sua formação, ocupando-se consigo mesmo através do conhecimento de si e por meio de exercícios práticos. Desse modo, nesse texto de Platão existe toda uma relação recíproca entre o conhecimento de si e o cuidado de si⁴. Platão deixa claro que para Alcibíades pudesse governar os outros, precisava primeiro governar a si mesmo. Segundo Carvalho (2014, p. 9) Alcibíades não aprendeu a praticar o trabalho paciente do exercício de si a fim de aprender a dominar a si mesmo, ele tinha pressa em exercer o poder de governar e, por isso, era incapaz de governar a si mesmo. E para Platão, se faz necessário primeiro produzir “condutas pelas quais poderemos

³ O diálogo *Primeiro Alcibíades* ou *Alcibíades I* (PLATÃO, 1975a), tratasse de uma conversa entre Sócrates e Alcibíades, em que Platão aborda a questão da má educação e da ambição pelo poder do jovem governante.

⁴ Para Foucault, na filosofia grega há uma ligação indispensável entre o cuidado de si e a verdade/conhecimento de si. Ligação que para o autor é rompida na Idade Moderna com a filosofia de René Descartes, pois nesse momento se produziu um esquecimento do cuidado de si em função do predomínio do conhecimento de si, o qual se tornou princípio fundamental para a constituição do *cogito*. Para situar a cisão, Foucault desenvolve no curso *A Hermenêutica do Sujeito* (2004) um estudo sobre a história do cuidado de si (*Epiméleia heautou*), também denominada de história das técnicas de si, no qual aponta seu início com o modelo platônico do princípio socrático do “conhece-te a ti mesmo” e tendo seu apogeu no período helenístico, aonde o cuidado de si visava a autonomia do indivíduo através de práticas que tinha como principal objetivo a transformação de si em busca de um estilo de existência. Já durante a pastoral cristã as técnicas que compõem o cuidado de si (*epiméleia heautou*) foram gradativamente sendo deslocadas para um cuidado pelos outros (*epiméleia ton allon*). Na pastoral cristã houve um governo de si através de um conjunto de práticas que visavam a sujeição do indivíduo a padrões de conduta externos (as técnicas de confissão, exame da consciência e dramatização das penitências constituíram verdadeiros processos de sujeição e de renúncia de si). Optou-se por relatar rapidamente este percurso, pois descrever os diferentes momentos deste percurso histórico não faz parte do objetivo deste trabalho.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

efetivamente cuidar dos outros. Começemos porém por cuidar dos outros e tudo estará perdido” (FOUCAULT, 2004, p. 244). Por isso, se faz necessário ocupar -se consigo mesmo através do conhecimento de si e de exercícios práticos.

Segundo Foucault (2004, p. 66-67) o conselho de prudência dado por Sócrates a Alcibiades para que prestasse um pouco de atenção a si mesmo é uma primeira referência passageira do conhecimento de si, porque para Platão o importante é saber o que esse *heautoû*, sua resposta é a alma. E para Foucault isso é bem conhecido nos diálogos de Platão, onde o autor grego defende que é preciso ocupar-se com a própria alma a fim de que ela se torne a melhor possível. Desse modo, no *Alcibiades* a questão da alma direciona o cuidado para um exercício puramente intelectual, como afirma: “[...] um modo de conhecimento de si que tinha a forma da contemplação da alma por si mesma e do reconhecimento por si mesma de seu modo de ser” (2011, p. 139).

Já no diálogo *Laques*, Platão descreve sobre a questão da formação dos jovens que estão destinados a ocupar cargos civis e militares na cidade. O dialogo se inicia com a preocupação de Lisímaco e Melesias com o modelo de educação que desejam oferecer a seus filhos. Lisímaco e Melesias levam dois amigos, Laques e Nícias, a exibição de um mestre de armas e perguntam se devem confiar seus filhos a esse mestre de armas. Nícias acha as lições úteis e fornecem um bom exercício. Já Laques crítica os exercícios, pois mostra a aptidão do mestre de armas apenas na cidade. Devido ao impasse, ocorre a intervenção de Sócrates. Segundo Kochan (2008, p. 102-103) Sócrates não toma partido de nenhuma das posturas, isto porque, a questão não é de quem está a favor de uma postura ou outra, não é o modelo político



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que deve prevalecer, mas que se trata de uma questão própria de uma arte (téchne). E então pergunta: “como se mede a atitude de alguém no âmbito de uma téchne?” e sua resposta afirma que Sócrates expõe dois critérios: pelos bons mestres que se tem ou pelas obras que é capaz de realizar. Para Platão (1970, 185a e 185e) é necessário um conhecimento técnico para cuidar da alma como convém. E mais adiante, Nícias explica a Lisímaco que o modo como Sócrates envolve seu interlocutor no diálogo “o obriga a prestar-lhe contas de si próprio, de que modo vive e que vida levou no passado” (PLATÃO, 1970, 188a). E ainda, “quem não se furta a esse exame, passará necessariamente a tomar mais cuidado consigo mesmo” (PLATÃO, 1970, 188b).

A partir da ligação entre *prestar conta de si mesmo* (*parresía*) e cuidar de si (*epiméleia heautou*) desenvolvido no *Laques*, Foucault (2011) procura mostrar como no pensamento grego a existência (*bíos*) se constitui como objeto fundamental do cuidado, ou seja, trata-se do tema da “*parresía* ética” (2011, p. 121). “Aqui, o objeto designado ao longo do diálogo como aquilo de que se deve cuidar não é a alma, é a vida (o *bíos*), isto é, a maneira de viver. É essa modalidade, essa prática da existência que constitui o objeto fundamental da *epiméleia*” (2011, p. 111). Assim, não se trata nem de uma questão política, nem técnica, mas do problema de constituição do *éthos*, isto é, “a maneira como se vive, a maneira como se viveu, é disso que é preciso dar conta” (2011, p. 139).

E é a partir deste princípio da *parresía* socrática que Foucault (2011, p. 127) apresenta que o cuidado de si supõe um dizer verdadeiro como prova de vida. “É preciso submeter a vida a uma prova de toque para separar exatamente o que é bom do que não é bom no que se faz, no que

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

se é na maneira de viver” (2011, p. 127). Diferentemente do que acontece na competência técnica, que uma vez adquirida pode ser utilizada depois, na prova socrática o modo de vida não pode ser renovado para toda a vida. O exame do modo de vida deve ser perseguido durante toda a vida, pois não há modelo a ser seguido, ou seja, não há competência técnica que uma vez adquirida possa ser reativada. Por isso, Sócrates recusa o papel de mestre que domina uma *tékhnē* capaz de ser transmitida (2011, p. 133). Foucault afirma (2011, p. 141) que esta linha da filosofia foi encoberta e dominada pela história da metafísica da alma (tarefa encontrar e dizer o ser da alma). E que seu objetivo é realizar uma “história da vida como beleza possível” (2011, p. 141).

Diante dessas duas concepções - a de *Alcibiades* em que o conhecimento de si se desenvolve como um modo de descoberta da alma (a *psykhē*) e a de *Laques*, onde a questão de si aparece como um modo de condução da vida (*bíos*) - conduzimos nossa reflexão da filosofia a partir da perspectiva do texto de *Laques*, porque compreendemos a filosofia como uma maneira de pensar e de fazer que é a prática da vida livre.

A Carta VII: a filosofia como modo de coabitar problemas

Foucault na obra *O governo de si e dos outros* – curso de 1983 (2010), especificamente na aula de 16 de fevereiro de 1983 (2010, p. 223s) descreve que Platão na *Carta VII* relata sobre o fracasso de Dionísio na prova da filosofia, isto porque este recusa fazer da filosofia um exercício de práticas e escolhe escrever um tratado de filosofia. Dionísio acreditava que era filósofo por ser capaz de dominar e reproduzir algumas *fórmulas de conhecimento* (*mathémata*). Por isso define:

E aqui deve-se entender a palavra *mathémata* em seu duplo significado. As *mathémata* são, claro, conhecimentos, mas também são as próprias fórmulas do



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

conhecimento. São ao mesmo tempo o conhecimento em seu conteúdo e a maneira como esse conhecimento é dado em matemas, isto é, em fórmulas que podem provir da *máthesis*, isto é, do aprendizado de uma fórmula dada pelo mestre, escutada pelo discípulo, aprendida de cor pelo discípulo, e que se toma assim seu conhecimento (FOUCAULT, 2010, p. 225).

A partir desse diagnóstico de que “[...] o discurso filosófico não pode encontrar seu real, seu *érgon*, se assumir a forma de quê? Das *mathémata*” (2010, p. 225), Foucault descreve como na *Carta VI* se aborda a questão da transmissão. Então, pergunta: “como se transmite?”, sua resposta será que não se transmite por *mathémata* (fórmulas), mas por *synousía* (coabitar). Como afirma:

Esse percurso das *mathémata*, essa enformação do conhecimento em fórmulas ensinadas, aprendidas e conhecidas, isso não é, diz o texto de Platão, o caminho pelo qual passa efetivamente a filosofia. **As coisas não acontecem assim, não é ao fio das *mathémata* que a filosofia se transmite.** [...] *Synousía* é o ser com, é a reunião, é a conjunção. [...] Mas **quem deve se submeter à prova da filosofia deve “viver com”**, deve, empreguemos a palavra, “coabitar” com ela - aqui também, vocês sabem, com os possíveis sentidos da palavra coabitar. Que aquele que filosofa tenha de coabitar com ela, é o que vai constituir a própria prática da filosofia e sua realidade. *Synousía*: coabitação. *Syzên*: viver com. E, diz Platão, é à força dessa *synousía*, à força desse *syzên* que vai se produzir o quê? Pois bem, a luz vai se acender na alma, mais ou menos como uma luz (“*phôs*”) se acende (a tradução diz “um lampejo”), isto é, como uma lamparina se acende quando é aproximada do fogo. [...] É dessa maneira, **sob essa forma de coabitação**, da luz que se transmite e se acende, da luz que se alimenta da própria alma, é assim que a **filosofia vai viver**. Vocês estão vendo que é exatamente o contrário do que acontece nas *mathémata*. **Nas *mathémata* não há *synousía***, não é preciso *syzên*. **É preciso haver enformação de matemas**, é preciso haver conteúdos de conhecimento. Esses matemas têm de ser transmitidos e têm de ser guardados no espírito até que,

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

eventualmente, o esquecimento os apague. Aqui, ao contrário, **não há fórmula, mas uma coexistência** (FOUCAULT, 2010, p. 225-226, grifos nossos).

A partir disso, pensamos que no ensino de filosofia o essencial não é a transmissão de um conteúdo em que o é suficiente a sua apreensão. Ao contrário, a filosofia precisa ser praticada em uma *coexistência*, em um *coabitar* problemas, onde não há respostas imediatas e definitivas, mas como um “longo caminho da filosofia, isto é, tomar a via rude dos exercícios e práticas” (FOUCAULT, 2010, p. 224). Sobre isso, Foucault (2010, p. 233, nota 6) cita em nota o texto de Platão, em que este afirma que é necessário frequentar por muito tempo os problemas, somente convivendo com eles que é possível a verdade brotar na alma. Nas palavras de Platão:

Não é possível encontrar a expressão [*mathémata*] adequada para problemas dessa natureza, como acontece com outros conhecimentos. **Como consequência de um comércio prolongado e de uma existência dedicada à meditação de tais problemas** é que a verdade brota na alma como a luz nascida de uma faísca instantânea, para depois crescer sozinha (PLATÃO, 1975b, 341c-d, nossa inclusão e grifo).

Também aponta, que a filosofia como *mathémata* conduz a ideia de que “dava-se ares de saber muitas coisas e de dominá-las” (PLATÃO, 1975b, 341b) e isso para Foucault (2010, p. 224) acarreta na ideia de que “agora que já sabia o bastante, não precisava se formar mais”. Nesse modo de filosofia como transmissão, a posse da verdade conduz a um modo de ser em que as relações de poder são autoritárias, como por exemplo, em práticas de ensino em que o professor se coloca como detentor da verdade a ser transmitida e o aluno sendo apenas receptor e reprodutor



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

desse saber. E isso para Foucault tem consequências éticas, isto porque, torna-se *perigoso* o modo de proceder daqueles que praticam a *mathémata*, como afirma:

Mas na verdade seria ou inútil, ou perigoso. **Seria perigoso** para os que efetivamente, não sabendo que a filosofia não tem outro real senão suas próprias práticas, **imaginariam conhecer a filosofia, tirando disso vaidade, arrogância e desprezo pelos outros**, e portanto seria perigoso. Quanto aos outros, aos que sabem perfeitamente que o real da filosofia está nesta, na sua e nas suas práticas, pois bem, para esses o ensino pela escrita, a transmissão pela escrita seria totalmente inútil (FOUCAULT, 2010, p. 226, grifos nossos).

Nessa perspectiva, o ensino de filosofia como transmissão através do reconhecimento pela verdade produz a dogmatização de posicionamentos e, como consequência, dificultando as relações com o outro. Por isso, pensamos que a filosofia precisa se realizar como um aprendizado do *coabitar* problemas, no qual a filosofia é um caminho de práticas que jamais se completam. Desse modo, aprender a *coabitar* problemas pressupõe que o sujeito esteja em uma relação viva com seu presente, ou seja, constitui um modo de estar atento ao que se passa consigo e em seu modo de agir ético em relação ao mundo e aos outros. E nesse real da filosofia como coabitação nas práticas demanda que a atenção ao presente produza a desaprendizagem das práticas arbitrárias para que, então, novas práticas possam ser construídas.

No ensino como transmissão do conhecimento a ênfase está na reprodução da representação da verdade, o que tem consequência para a relação professor-aluno, pois enquanto o primeiro detém o conhecimento a ser transmitido, o segundo está em uma situação de ignorância passiva. Trata-se de um processo de transformação apenas do aluno, da passagem do não-saber para um estado de sabedoria. Nesse registro, se está mais preocupado com o ensinar do que como o

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

aprender, com a reprodução conceitual da história da filosofia do que com o conhecimento como aprendizagem do processo de construção de um problema. O real da filosofia como o aprendido do *coabitar* problemas como forma de estar atento a si mesmo

Na aula de 16 de fevereiro de 1983, Foucault (2010) compreende a filosofia como exercício de si que se realiza por práticas. Ao interpretar a *Carta VII* de Platão (2010, p. 203-222), que trata sobre o relato de Platão sobre sua missão de conselheiro político na ocasião de sua segunda viagem a Sicília, Foucault percebe que o que está em jogo na missão de Platão é o próprio sentido da filosofia: não ser puro e simples discurso (logos), mas *érgon* (tarefa, obra). Assim, a *Carta VII* é para Foucault uma reflexão que trata sobre o real da filosofia, contudo, não o real enquanto parâmetro para medir se a filosofia é verdadeira ou não, mas enquanto espaço parresíastico se refere a verdade enquanto modo de vida. E cita o exemplo do homem doente relatado por Platão (1975b, 330d), demonstrando que, para que a filosofia não seja apenas discurso, mas realidade, precisa fazer como o médico, convencer o doente a mudar seu regime de vida, onde o que está em jogo é seu modo de vida, pois com essa transformação ele evitará outras doenças.

Disso se conclui que o real da filosofia não é sua prática como prática do logos, como discurso ou como diálogo, mas deve ser a filosofia como “práticas” no plural, em suas práticas e em seus exercícios. “Aquilo que a filosofia encontra seu real é a prática da filosofia, entendida como conjunto das práticas pelas quais o sujeito tem relação consigo mesmo, se elabora a si mesmo, trabalha sobre si. O trabalho de si sobre si é o real da filosofia” (2010, p. 221). A prática do trabalho sobre si é a tarefa da filosofia que Platão descreve em sua missão na Sicília, evidencia



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

isso ao examinar se o governante Dionísio é capaz de fazer em sua vida um exercício cotidiano dos ensinamentos filosóficos. Platão descreve “[...] meu primeiro cuidado foi certificar-me se Dionísio era mesmo unha e carne com a filosofia” (1975b, 340b) e explica que de apesar de pretender-se filósofo não a praticava como atividade existencial.

A filosofia como exercício de si

Na leitura de Foucault (2004, p. 513) o cuidado de si se relaciona com a *tékhnē* grega, a qual estava associada a certos procedimentos técnicos que agem sobre a vida em busca da formação de um estilo de vida, uma forma de vida que se constitua em uma obra bela. A *tékhnē* grega é também uma arte, uma arte da existência, que Foucault chama de *tékhnē taû bíou* (técnica da vida). Como afirma:

Se existe esta liberdade [...] não se deve esquecer que tudo isto se passa no quadro não de uma regra de vida, mas de uma *tékhnē taû bíou* (uma arte de viver). [...] Fazer da própria vida objeto de uma *tékhnē* [...] implica necessariamente a liberdade e a escolha daquele que utiliza sua *tékhnē*. Se a *tékhnē* devesse ser um corpus de regra [...] não haveria aperfeiçoamento da vida (FOUCAULT, 2004, p. 513).

E acrescenta, a vida filosófica não obedece a uma regra, mas a uma forma. “É um estilo de vida, uma espécie de forma que se deve conferir à própria vida”. E cita o exemplo de como construir um belo templo: o bom arquiteto é aquele que além de obedecer a regras técnicas indispensáveis, também é capaz de fazer uso de sua liberdade para conferir ao templo uma forma bela (2004, p. 513-514). Por isso, em outro texto afirma que para os gregos o importante é escolher como devo viver, em suas palavras: “o problema se constituía em qual técnica devo utilizar para



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

viver da melhor maneira possível” (1995, p. 259). Também em outra passagem expressa essa preocupação dos gregos: “[...] qual é o saber que me possibilitará viver como devo viver, como devo viver enquanto indivíduo, enquanto cidadão, etc.?” (FOUCAULT, 2004, p. 219). Resposta que deveria se configurar como busca por um estilo de vida, onde a vida pudesse se configurar em uma obra de arte portadora de valores estéticos.

Diante isso, cabe perguntar: de que maneira se pode praticar a *tarefa filosófica do exercício de si*? Foucault, no texto *O filósofo Mascarado* (2005, p. 299-306), apresenta uma ideia do que é preciso fazer: “sonho com uma nova era da curiosidade”. E acrescenta, a curiosidade foi associada a “futilidade”, “estigmatizada” pelo cristianismo, pela filosofia e a ciência. No entanto, essa palavra lhe agrada, porque sugere algo diferente; evoca *inquietação*, sentido do algo que jamais se imobiliza; *disposição para o estranho e singular*; uma obstinação em nos *desfazermos de nossas familiaridades* e de dar de maneira diferente as mesmas coisas; *uma paixão de aprender o que se passa* (2005, p. 304). Em outra passagem, Foucault (2014, p. 13) afirma que “[...] a espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo”. Desse modo, compreendemos que a *tarefa filosófica do exercício de si* precisa se realizar como uma prática da curiosidade que cria a *paixão de aprender o que se passa* e possibilita pensar o aprender em filosofia como uma permanente *inquietação* que nos move na incompletude do *desprender-se de si mesmo* (FOUCAULT, 2012, p. 241).

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Considerações Finais

Por meio desse trabalho procurou-se perspectivar a filosofia como um exercício de si, uma prática que conduz a problematização da vida. Os textos platônicos nos conduziram ao diagnóstico de que no ensino de filosofia não é suficiente colocar a questão pedagógica de sua transmissão, mas que é preciso praticá-la como um problema filosófico que afeta a própria existência. Segundo Foucault (2010, p. 225) para Platão não se trata de transmissão, antes é preciso *coabitar* com ela e, assim, se constituir na própria prática da filosofia. Coabitar a filosofia pela inquietação do estranho, da paixão pelo que se passa e de se desfazer das familiaridades acatadas. Assim, a filosofia como exercício de si torna-se o modo de vida a ser praticado em seu ensino.

Por isso, se faz necessário pensar o ensino de filosofia como um exercício de si que conduz ao *desprender-se de si*, o que contribui para a formação de um *êthos* envolvido pelo devir do seu modo de pensar e agir. O desprender-se de si constitui uma importante ferramenta para deslocar-se de modos de pensar abstratos e dogmáticos, possibilitando abrir-se para novas maneiras de se conceber a vida e o mundo.

Referências

CARVALHO, A. F. “Foucault e a espiritualidade como o real da filosofia: do ultrapassamento de si ao ultrapassamento do mundo”. In **Fermentário**, n. 8, vol. 2, p. 1-16, 2014.

FOUCAULT, M. **A Coragem da Verdade: o governo de si e dos outros II**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- _____. **Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- _____. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- _____. **O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)**.. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- _____. “Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho” *In*: RABINOW, P; DREYFUS, H. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**.. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 253-278.
- KOHAN, W. “Saber, cuidado de si y formación. El último Sócrates en el último Foucault” *In* **Ensayo y Error**, Caracas, nº 34, p. 93-118, 2008.
- PLATÃO. **Diálogos** Laquete Edições Melhoramentos. [1970], p. 115-142.
- _____. “O primeiro Alcibiades” *In*: PLATÃO. **Diálogos Fedro- Cartas- O primeiro Alcibiades** V. 5. Belém: Ed.UFPA, 1975a, p. 197-249.
- _____. “Sétima Carta” *In*: PLATÃO. **Diálogos Fedro- Cartas- O primeiro Alcibiades** Belém: Ed.UFPA, 1975b, p. 137-167.